

Qualificação sem fronteiras

Brasil forma quadros e mestres para a indústria angolana.

por **Beatriz Cardoso** e **Cassiano Viana**

Referência mundial para a indústria de petróleo, como detentor de grande conhecimento neste setor, principalmente no segmento *offshore*, o Brasil atrai não só quem quer trabalhar no país, como também profissionais de outros países, que buscam uma qualificação na área. Com isso, é garantido o intercâmbio de conhecimentos, *know-how* e *expertise*. E o fortalecimento de laços com países estratégicos nas relações comerciais internacionais do Brasil.

Os laços entre Brasil e Angola, por exemplo, já vêm de muito tempo. Para a geologia, desde a formação do mundo, quando a terra era uma só: Pangéia. Os laços de amizade foram reforçados com o passar dos anos: o Brasil foi o primeiro país do mundo a reconhecer a independência de Angola, em 1976. E várias empresas brasileiras desenvolvem negócios no país africano.

As relações de amizade técnica também trilham um bom caminho, como confirma o engenheiro de minas angolano **José Lopes de Sousa**, formado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Hoje, aos 47 anos, ele é professor do Instituto Nacional de Petróleos (INP), único centro de qualificação de profissionais do setor na África Austral (parte sul de África, banhada pelo Oceano Índico na sua costa oriental e pelo Atlântico na costa ocidental, formada



por países como África do Sul, Angola, Botsuana, Madagascar, Moçambique, Namíbia, Zâmbia e Zimbábue).

Sólida formação

Sousa chegou ao Brasil em 1987, para fazer o curso de engenharia de minas na Universidade Federal de Porto Alegre (RS), por determinação do governo angolano pós-independência. "Naquela época não escolhíamos o país. Escolhíamos o curso e o governo é que escolhia o país e bancava nossa formação", conta. "Já tínhamos o Brasil como uma referência em engenharia de minas, um potência na área. Em

Angola sabíamos que Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Bahia eram os grandes redutos deste conhecimento", explica o engenheiro angolano, para quem o Brasil é uma liderança em tecnologia na área de mineração e em exploração de petróleo.

"Passei 11 anos absorvendo todo o conhecimento que podia, além de conhecer o Brasil de norte a sul", lembra Sousa, explicando que durante os anos passados na universidade teve a oportunidade de fazer estágios em várias empresas. "Posso dizer que meu desempenho em Angola e em outros locais onde trabalhei se deve, em grande parte, à forma-

Petróleo em Angola

QUATORZE ANOS APÓS A ASSINATURA do Protocolo de Lusaka, firmado em 1994, que busca até hoje colocar um fim definitivo em uma das piores guerras civis da história africana, iniciada em 1961, Angola, movida pela explosão do petróleo, é um dos países que mais cresce no mundo.

A previsão para 2008 é de um salto de 27,2% no PIB da ex-colônia portuguesa, segundo o Fundo Monetário Internacional – o maior entre 180 países. A previsão é de que, até outubro/final de 2008, Angola deverá exportar 1,996 milhão de barris de petróleo por dia, oriundos dos campos Mondo e Cabinda.

O petróleo em Angola teve sua arrancada em 1955, com as descobertas na orla marítima do vale do Kwanza. No entanto, foram necessários cinco anos para a expansão para o mar, na década de 1960. A partir de então, o petróleo se tornou o principal produto de exportação do país. Na verdade, Angola possui uma excepcional dotação de recursos. Durante os últimos anos, consagrou-se como o segundo maior produtor de

petróleo sub-saariano (vem logo após a Nigéria), e o quarto maior produtor de diamantes do mundo (em valor), respondendo por algo em torno de 15% da produção mundial de diamantes.

Em 1976, ano da independência, foi criada a Sonangol, a estatal angolana para gerir toda a produção e distribuição petrolífera do país, que mais tarde abriu propostas para blocos em águas profundas, licenciando também blocos em águas ultraprofundas.

O foco na exploração e produção *offshore* é um dos principais elementos que marcam a semelhança e a importância do intercâmbio entre a região de Macaé e a província de Cabinda.

Em abril deste ano, Angola ultrapassou a Nigéria, tornando-se o maior produtor africano de petróleo. O petróleo nigeriano é mais valorizado pelo mercado, porque é mais leve e tem menor teor de enxofre, enquanto Angola produz ramas mais pesadas e mais baratas. No entanto, a produção na Nigéria tem sido afetada por ataque às unidades de produção.

Segundo estatísticas da BP, no ano passado Angola produziu 1,72

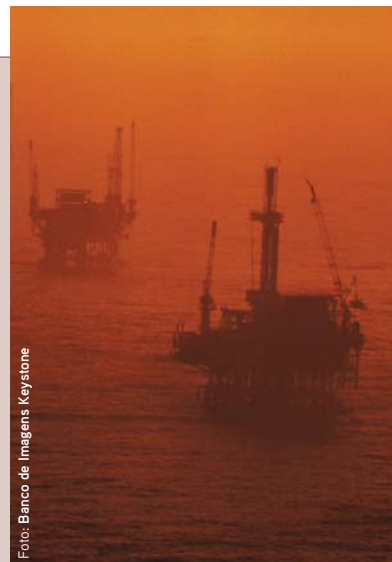


Foto: Banco de Imagens Keystone

milhão de barris de petróleo, atrás dos 2,36 milhões de barris diários da Nigéria. Em junho a situação tinha-se invertido, com Angola produzindo uma média de 1,9 milhão de barris diários e a Nigéria apenas 1,84 milhão.

Entre os novos campos a entrar em produção destaca-se o Saxi Batuque (Exxon Mobil), que em outubro deverá representar um acréscimo de 92 mil barris exportados, esperando-se que até final do ano atinja os 200 mil barris, tal como o campo Mondo. Entre os principais exportadores estão as multinacionais BP, Total, Chevron e Exxon Mobil. A Petrobras tem interesses na costa oeste africana, aonde hoje produz petróleo em Angola e Nigéria.



TUBULAÇÃO OFFSHORE EM FRP

- *Resistente à corrosão e abrasão.*
- *Excelentes propriedades de escoamento, menor perda de carga.*
- *Baixo peso.*
- *Flexibilidade de projeto, variando a inclinação das fibras.*
- *Fácil instalação.*
- *Baixa transferência de calor, para aumento da segurança.*

EDRA

0055 (19) 3576-9300 www.edra.com.br

INP: qualificando africanos

O INSTITUTO NACIONAL DE PETRÓLEOS (INP) nasceu fundamentalmente do Instituto Médio de Petróleos (IMP) e da Escola Central de Petróleos (ECP). O primeiro, criado em 1997, contando com um corpo docente de búlgaros, portugueses e italianos, foi interrompido pela guerra.

O segundo foi criado em 1979, pelo Ministério da Educação e o então Ministério da Energia e Petróleos, com a finalidade de ministrar especializações técnico-profissionais a todos os trabalhadores ligados ao setor petrolífero. Essas duas instituições representam a pedra fundamental do INP, criado no dia 15 de setembro de 1983, após a fusão das duas instituições.

No período de 19 anos, de 1990 a 2003, o INP formou mais de 1.500 técnicos profissionais angolanos provenientes das empresas petrolíferas e de alguns países da Southern African Development Community – SADC – e mais de 1.100 técnicos médios, contribuindo para o desenvolvimento da indústria petrolífera e mineira de Angola e de países de África Austral.

ção que obteve na universidade gaúcha. “É importantíssimo que os profissionais busquem conhecimentos em outros locais. Só vamos em frente se tivermos esse tipo de visão”, afirma.

Apaixonado pelo Brasil, mas ciente do papel que desempenha na formação de novos quadros para a indústria do petróleo de seu país, Sousa retornou para Angola, ajudando a estabelecer uma mão dupla. Segundo ele, vários outros angolanos já vieram ao Brasil fazer cursos de pós-graduação na área de petróleo ou mineração. E depois voltam para Angola para repassar o conhecimento, dentro das instituições de ensino ou mesmo nas empresas que atuam no país. “Existe uma percentagem de alunos que são escolhidos para as empresas diretamente dos quadros da INP. Uma percentagem bem grande.”

Sousa trabalha para a indústria do petróleo desde 1997, ano em que se formou e entrou diretamente no setor, na área de perfuração, trabalhando em sondas marítimas. “Quando voltei para Angola, trabalhei na Schlumberger Sedco Forex.”

Indústria em expansão

Ele observa que a indústria petrolífera em Angola está avançando e cada vez mais chamando a atenção de investidores internacionais. Com um maior número de projetos, obviamente, aumenta a demanda por mão-de-obra qualificada.

Segundo o engenheiro, a Schlumberger vê muito bem os profissionais que chegam com um diploma de uma universidade brasileira. “Aliás, não há empresa nenhuma que opere em Angola que não contrataria qualquer indivíduo que tenha se formado em uma universidade no Brasil, sobretudo nessa área de petróleo e de engenharia de minas.”

Docente do INP desde 2000, Sousa é hoje coordenador de Projetos em Tecnologia Submarina. “No INP, percebi que era importante repassar o conhecimento adquirido no Brasil, pois Angola estava precisando formar quadros profissionais qualificados em mão-de-obra para trabalhar na indústria de petróleo. Na verdade, não apenas na área de petróleo, mas em todas as outras, devido à guerra que durante anos interrompeu

o ciclo de desenvolvimento no país.”

Sousa conta que foi buscar o aprimoramento não só no Brasil, mas também na Noruega, no Stavanger Offshore Technical College, onde passou, junto com outros docentes angolanos, três meses em uma especialização em tecnologia submarina. “Agora já temos um curso, há uma especialização em tecnologia submarina em Angola. O futuro do petróleo está no mar adentro, logo, nas tecnologias submarinas.”

Ele esteve no Brasil no primeiro semestre para um curso de pós-graduação (latu sensu) na área de engenharia de petróleo pela Fundação de Apoio Cefet (Funcet). Assim como há 20 anos, Sousa acredita que há muito que aprender nestes cursos. “Há muito conhecimento acumulado, a começar pelo quadro docente: a maioria absoluta é formada por técnicos da Petrobras, profissionais que vêm trabalhando há 20, 30 anos com petróleo brasileiro, na área técnica, perfuração, produção, transporte, lei, legislação etc.”, salienta. “Isso é um leque de informações incrível.”

Sobre os desafios com as novas descobertas no pré-sal, Sousa destaca que os projetos demandarão tecnologias novas. “Com isso, vamos avançar ainda mais em tecnologia de perfuração e tecnologia de poço, por exemplo”, diz ele, pensando quase como um brasileiro. “Perfurar um pré-sal não é brincadeira. A Petrobras está perfurando cada vez mais fundo, quebrando paradigmas.” Sobre a permanência em Angola, ele é enfático: “Eu poderia exercer minha atividade em qualquer lugar. No entanto, me agrada a idéia de estar formando quadros profissionais para meu país.” ■